



A PRÁTICA DO FUTSAL POR MULHERES: UM ESPAÇO SÓ DE MENINAS?

Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer¹

Ana Laura Eckhardt de Lima²

Resumo

Este trabalho se insere numa frente investigativa que toma a relação mulheres e futebol como tema. O empreendimento aqui apresentado descreve a problematização da possível presença de um homem em uma prática localizada. Através de uma conversa em roda com as participantes de um projeto de futsal de mulheres, problematizamos a percepção destas em relação a este fato. Concluimos que, as insuficiências em termos de espaços disponíveis para a prática do futsal por mulheres e as dificuldades que são frequentemente interpostas a tal prática, na percepção do grupo de mulheres que participa do projeto e participou da conversa, pode ser mais problemática do que a ocupação da posição de “professor” por um homem.

Palavras-chave: Mulheres. Futsal e prática.

Introdução e história de um problema: prática do Futsal por mulheres

Há décadas que as mulheres lutam por seus direitos e buscam quebrar as tantas barreiras impostas pela sociedade, que ainda estão vincadas no patriarcado. Na vida social, política ou esportiva, por muitos anos as mulheres se depararam com inúmeras dificuldades para inserção nos espaços culturalmente construídos enquanto ambientes para homens. Há décadas, também, que as mulheres lutam por reconhecimento e visibilidade dentro dos esportes, enquanto atletas, praticantes e simpatizantes, algo que, ao longo do tempo, vem sendo alcançado através das intensas lutas das mulheres e dos movimentos feministas.


No mundo do futebol, o cenário não é muito diferente. Advindo de uma prática hegemonicamente masculinizada, o futebol atual ainda carrega o status de esporte para homens, praticado por homens. Aí está o futebol espetacularizado que não deixa dúvidas, as mulheres ainda são relegadas a um segundo plano quando se trata dessa modalidade esportiva. Mas será que, mesmo com as dificuldades e o preconceito que cerceia essa prática, as mulheres não jogam futebol? Elas jogam sim! Hoje, muitas mulheres estão saindo dessa zona de invisibilidade e colocando em voga se realmente há esporte masculinizado.

O fato de por muitos anos haver uma preocupação excessiva com o corpo das mulheres, principalmente no que tange o corpo biológico, afastou-as de inúmeros esportes e práticas corporais, dentre elas o futebol. Durante esse mesmo período, o futebol difundia-se

¹ Doutor em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, felipao.rg@hotmail.com.

² Estudante de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, analaura_eck@hotmail.com.





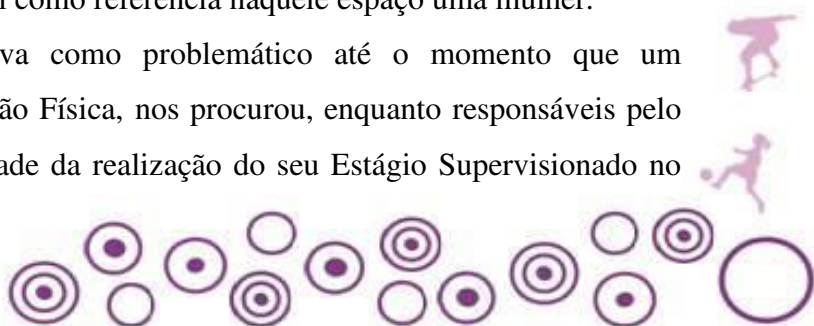
pelo Brasil, seguido de suas diversas formas de jogar – futebol de salão, de praia, futevôlei, entre outras. Logo, quem o praticava maciçamente eram homens, ficando as mulheres às sombras desse esporte.


Mesmo na clandestinidade, como em alguns casos, as mulheres jogaram e jogam muito. Embora a dificuldade de inserção nos campos, nas quadras, nas areias, aos poucos as mulheres foram aparecendo e se destacando em meio a tantos jogadores homens. Seja enquanto atletas profissionais, praticantes de finais de semana ou torcedoras e simpatizantes do esporte, as mulheres sempre estiveram presentes nesse mundo do futebol, se destacando como a torcedora fanática de um clube, a mãe que aos finais de semana se reúne com as amigas para uma pelada ou a filha que se dedica incansavelmente aos treinos do clube em que defende. Todas essas figuras constroem a cada dia um novo caminho para as mulheres dentro do futebol.

A fomentação de espaços para a prática desses diversos futebóis (DAMO, 2008), principalmente o futebol praticado por mulheres, passa a ser essencial para o desenvolvimento da modalidade. Seja através de projetos sociais esportivos de instituições públicas e/ou privadas ou por uma simples concessão de um espaço para a prática, todo estímulo ao futebol de mulheres hoje é fundamental. Pensando nisso, surge, no ano de 2017, o Projeto de Extensão Prática de Futsal Feminino (P.E.P. Futsal Feminino), que busca garantir um espaço de prática de futsal para as mulheres estudantes, servidoras e funcionárias da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), assim como para as mulheres da comunidade em geral. Tendo partido da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Educação Física Licenciatura, ao final do estágio, o P.E.P. Futsal Feminino, continuou suas atividades de forma independente, enquanto um projeto de extensão do curso de Educação Física desta Universidade.

Desde sua elaboração, o P.E.P. Futsal Feminino sempre foi executado por mulheres, embora sua criação tenha sido pensada juntamente com um professor homem do curso de Educação Física, o qual, em outros momentos, tentou fomentar a prática do futsal por mulheres dentro da Universidade. Todavia, a gestão e as aulas do projeto sempre foram ministradas por acadêmicas mulheres do curso de Educação Física, ou seja, na prática, o projeto sempre foi pensado por mulheres, para mulheres e, principalmente, as mulheres frequentadoras do projeto sempre tiveram como referência naquele espaço uma mulher.

Esse cenário não se apresentava como problemático até o momento que um acadêmico, também do curso de Educação Física, nos procurou, enquanto responsáveis pelo projeto, questionando sobre a possibilidade da realização do seu Estágio Supervisionado no





projeto. Nesse momento, surgiu, por parte da outra acadêmica e co-responsável pelo projeto, questionamentos referentes à participação de um homem como estagiário em um espaço até então compartilhado somente por mulheres.

Considerando que nos dedicamos a pesquisar a relação mulheres e futebol, enquanto pesquisadores, o incômodo relacionado à participação de um homem no projeto disparou algumas questões: Como as alunas do P.E.P. Futsal Feminino reagiriam diante de um professor homem no espaço de prática do projeto? Causaria estranhamento? Elas deixariam de participar por esse fato? Nesse sentido, o objetivo desse empreendimento é apresentar e problematizar a participação de um homem enquanto professor estagiário de um projeto de extensão destinado à prática de futsal de mulheres, na percepção das alunas do P.E.P. Futsal Feminino da FURG.

Questões de método

Definido o objetivo, tomamos como consequente decisão de método, a realização de uma conversa com as alunas. Optamos pela realização de uma conversa, em detrimento de uma entrevista, uma vez que buscávamos estabelecer um diálogo, sem preocupação com a estrutura desse diálogo, sem que houvesse ritual de início, meio e fim e sem a noção de segurança, características advindas da entrevista (GONÇALVES, 2018). De acordo com Gonçalves (2018, p. 23) “a conversa é ordinária, ocorre por ocasião”.


Para Certeau (2003),

[...] as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis” (2003, p.50).

Assim sendo, utilizamos o espaço do P.E.P. Futsal Feminino, logo em sua retomada em 2018, para a realização dessa conversa. Nesse primeiro encontro do grupo, estiveram presentes além de nós 14 alunas, dentre as quais, 5 já eram participantes do projeto no ano anterior, além da outra acadêmica do curso de Educação Física co-responsável pelo projeto.

A conversa se deu em roda, em seguida da apresentação do projeto, após questioná-las sobre o futebol de mulheres, as questões de visibilidade, a importância de espaços como o do P.E.P. Futsal Feminino dentro da Universidade, entre outros assuntos. Essa conversa inicial, foi gravada em áudio após a autorização pelas participantes e nos possibilitou chegar aos questionamentos a respeito do que nos detemos para apresentar nessa comunicação, ou seja, referente à presença de um homem enquanto professor estagiário do projeto, substituindo as,





até então, professoras, que hoje são mulheres, e a problematização dos estranhamentos diagnosticados diante dessa situação. Foi solicitado a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às participantes da conversa e neste trabalho foram utilizados nomes fictícios sempre que excertos de gravações da conversa são reproduzidos.

Análise e problematização: o que percebem as participantes do projeto sobre o problema diagnosticado?

O primeiro questionamento se deu sobre a situação de um homem, seja professor ou aluno, criar um projeto destinado à prática de futsal para mulheres. Numa situação como essa, buscávamos observar, nas respostas das alunas, o quão isso seria determinante na participação destas em um projeto com essa configuração. Todas afirmaram que não deixariam de participar de um espaço de prática de futsal, pelo simples fato do proponente ser um homem. Na fala de uma das alunas, é possível perceber outra visão, quando esta afirma: *“Mostra que os homens, de certa forma, estão abrindo a cabeça né, para essa realidade e isso é um avanço”* (Aluna Alice, Conversa em roda, 06/04/2018).

Atualmente, a maior parte dos técnicos esportivos são homens. De acordo com Ferreira *et al* (2013), o panorama nacional da atuação técnica se apresenta da seguinte forma:

Através do levantamento feito com 259 federações esportivas brasileiras de vinte e duas modalidades foi encontrado o seguinte resultado: apenas 7% dos técnicos esportivos são mulheres. Do total de federações pesquisadas, 185 não possuem mulheres cadastradas como técnicas. Ou seja, 71,4% das federações esportivas possuem 100% de homens filiados como técnicos (2013, p. 111).


Nota-se que há uma falta de representatividade das mulheres no comando de equipes esportivas. O panorama é o mesmo quando falamos em futebol. Conforme o jornal Diário de Pernambuco, em 2017, o ranking nacional de equipes de futebol de mulheres possuía 61 em atividade, das quais 53 eram treinadas por homens e apenas 8 equipes treinadas por mulheres.

Corroboramos com uma aluna quando esta fala a respeito da presença de mulheres a frente de um projeto esportivo destinado para mulheres:

Representativo. [...] tem homens ótimos, assim como tem mulheres que são técnicas ótimas e esse é o ponto. Tu quase não vê técnicas mulheres a frente de equipes boas, entende. E quando tem uma equipe feminina, geralmente, é técnico masculino. Poxa, legal, mas dá um tempo sabe, vocês têm uma gama enorme assim. [...] Então é super importante essa representatividade, para mostrar que numa equipe feminina, de mulheres que jogam bem, tem uma técnica mulher que também coordena bem essa equipe e leva adiante. Não precisa de um homem pra tá, sabe, a gente também pode (Aluna Bianca, Conversa em roda, 06/04/2018).

Em uma escala local, percebemos que as mulheres enfatizam a importância de homens proporcionarem espaços de prática de futsal e/ou futebol para as mulheres, o que não significa





que isso deve ser regra. Saber que existem homens que conhecem a realidade de muitas atletas e praticantes de futebol e se importam com a falta de espaços para a prática desse esporte, a ponto de querer mudar, de uma forma ou de outra, essa realidade, é entendido como algo positivo, uma vez que os homens estão sendo tocados pelas tantas lutas das mulheres dentro dos esportes.

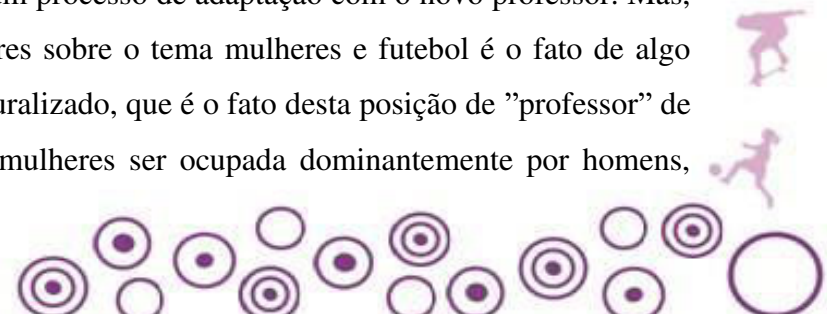
No entanto, há incômodo quando os números mostram a falta de espaço para as mulheres enquanto técnicas, principalmente dentro do futebol. Esse cenário produz em nós o entendimento que, apoiar a iniciativa local de um homem em abrir espaço para o futebol de mulheres não corrobora com a atual situação da representatividade das mulheres enquanto técnicas de futebol em nível nacional, uma vez que algumas das razões que acarretam nisso são: barreiras enfrentadas pelas técnicas; dificuldade de ascensão na carreira; aceitação feminina da exclusão; falta de mulheres com perfil para o cargo; e desistência da carreira (FERREIRA *et al.*, 2013).


Quando questionadas a respeito de uma mudança, na qual as duas responsáveis pelo projeto fossem substituídas por um homem e, se haveria estranhamentos e quais seriam estes, algumas falas se destacaram: “*Ah, teria que passar por uma adaptação, assim sabe, mas não vejo nenhum problema também*” (Aluna Carina, Conversa em roda, 06/04/2018); “*Mas eu acho que esse guri não ia se relacionar como vocês se relacionam com cada uma de nós. Ia ter um afastamento*” (Aluna Diana, Conversa em roda, 06/04/2018).

Para além do espaço de prática, nota-se que há uma relação muito próxima entre as alunas e as responsáveis pelo projeto, no que tange as relações estabelecidas neste espaço. Entendemos isso quando surgem falas sobre “adaptação” e “afastamento”. Isso se dá, principalmente, pelo tempo que as responsáveis estão à frente do projeto, criando, naquele espaço, vínculos afetivos, tornando este um local de socialização de mulheres.

Araújo e Silveira (2013, p. 279) entendem a socialização como “inserção de um indivíduo em um determinado espaço social, onde há um comportamento que deve ser seguido por quem ali se insere”. Em outro caso, as autoras destacam que “no momento em que um indivíduo é inserido em determinado grupo, ele passa a viver de acordo com os costumes desse grupo” (ARAÚJO; SILVEIRA, 2013, p. 279).

Dessa forma, entendemos como compreensível a visão das alunas a respeito de um possível afastamento inicial, levando a um processo de adaptação com o novo professor. Mas, o que destacamos enquanto pesquisadores sobre o tema mulheres e futebol é o fato de algo que se apresenta como corriqueiro e naturalizado, que é o fato desta posição de “professor” de modalidades esportivas praticadas por mulheres ser ocupada predominantemente por homens,





possa se tornar problema em uma prática localizada e que se possa, também, de alguma maneira problematizar tal fato no sentido de buscar uma inteligibilidade para isto.

Considerações finais

Concluimos que as alunas do P.E.P. Futsal Feminino entendem como representativo a presença de mulheres enquanto professoras do projeto, ao mesmo tempo em que a presença de um homem nessa função causaria, possivelmente, um afastamento no que tange a socialização destas naquele espaço. Todavia, ressaltamos a importância dada no caso de um homem propor um projeto de prática de futsal e/ou futebol para mulheres, partindo do entendimento da percepção da carência de espaços destinados a essa modalidade. Ou seja, as insuficiências em termos de espaços disponíveis para a prática do futsal por mulheres e as dificuldades que são frequentemente interpostas, na percepção do grupo de mulheres que participa do projeto e participou da conversa, pode ser mais problemática do que a ocupação da posição de “professor” por um homem.

Referências

- ARAÚJO, Mahinã Leston; SILVEIRA, Raquel da. As trajetórias de jogadoras de futebol: os processos de socialização em jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 271–297, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1**, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DAMO, A. S. Senso de jogo. Esporte e sociedade. **Revista Digital**, n. 7. nov. 2007/fev.2008. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/html/es103.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Técnicas** – Ranking nacional de clubes femininos. Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/machismonofutebol/tecnicas/>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 03, p. 103-124, 2013.
- GONÇALVES, Vanessa Bugs. **Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar**. 2018. 151 f. Tese (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

